

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

A LÍNGUA INGLESA E OS JOVENS NA CONTEMPORANEIDADE: NOVAS FORMAS DE LETRAMENTO?

Luciana Maria Saldanha Kuenerz (UFF)
luciana.kuenerz@gmail.com

Este trabalho é parte da minha dissertação de mestrado da Universidade Federal Fluminense, que trata das expectativas de alunos do Ensino Médio Estadual em relação ao aprendizado da língua inglesa, como instrumento de inserção social.

Questão: Quais as expectativas de alunos das classes populares em relação ao idioma inglês?

Será que as novas tecnologias e o novo papel que língua inglesa ganhou na atualidade têm gerado novas expectativas para os jovens das classes populares?

OBJETIVOS

- Analisar as expectativas de alunos do ensino médio estadual em relação ao aprendizado da língua inglesa, como instrumento de inserção social.

- Investigar as expectativas desses alunos em relação ao aprendizado da língua inglesa, verificando se elas se relacionam ao mundo do trabalho, ao ambiente escolar, às atividades de cultura e/ou lazer, às novas tecnologias, entre outros.

- Conhecer o contexto sócio-histórico cultural dos sujeitos da pesquisa.

- Compreender de que modo a proposta pedagógica para o ensino do inglês na escola contribui para as expectativas desses alunos.

A partir de uma abordagem bakhtiniana discutiremos a linguagem em seu sentido sócio-histórico-cultural. Planejamos trabalhar principalmente a partir dos conceitos de *ideologia; polifonia; dialogismo; sinal e signo; exotopia; relações interpessoais e intrapessoais* e ainda as questões relativas ao *enunciado; à formação da*

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

consciência; ao discurso interior e exterior; à palavra, como um potente signo ideológico; bem como na dialética por um viés marxista (Bakhtin, 2006).

Para este trabalho, no entanto, fizemos um recorte da revisão inicial de literatura de um campo da Linguística Aplicada que trata das questões ligadas à globalização, ao letramento, à língua inglesa no mundo atual e seus desdobramentos nas práticas sociais e escolares. Esta revisão foi dividida em quatro categorias: *Globalização; “O hibridismo” das culturas, raças e discursos; “Multiletramentos” e diversidade cultural; “Pós-colonialismo – a construção do Ocidente”.*

No que tange à globalização, Blackburn & Clark (2007) elucidam a respeito das diferentes visões em relação ao tema. Para uns ela é uma invasão destrutiva que causa desigualdades econômicas e culturais, além de desastres ambientais. Para outros, no entanto, ela pode causar um impacto bastante significativo nas relações interpessoais e nesse sentido, as comunidades locais podem se fortalecer com as demandas globais, as quais podem levar os indivíduos à reflexão, à tomada de consciência e à ação.

Luke (*Apud* Blackburn & Clark, 2007, p. 12-13) afirma que o idioma inglês é uma forma global de capital, ou seja, uma forma de homogeneizar as culturas e de manter o domínio imperialista. O autor chega mesmo a comparar esta força hegemônica à “McDonalização do mundo”, que tem na língua inglesa uma grande aliada. Por outro lado, ele considera que os falantes de inglês, espalhados pelo mundo inteiro, terminam por provocar a perda de um possível controle, já que a diversidade cultural se manifesta na própria língua inglesa e se encarrega de destruir esse bloco supostamente monolítico e coeso. Ou seja, a própria disseminação do aprendizado dessa língua acaba por se converter em seu inimigo em potencial, pois gera capital cultural e poder para as comunidades locais melhor se manifestarem e lutarem por seus direitos e pela preservação de suas culturas.

Asensio (*Apud* Moita Lopes, 1996) menciona a cumplicidade que o império tem com a língua. Assim como Roma está em toda a parte, toda a parte está em Roma, ou seja, a língua vai ganhando as peculiaridades de cada lugar. Logo, o invasor conquista e depois é também conquistado pelas culturas dos povos que conquistou. Ora, se essa língua já não pertence às suas fronteiras de origem, mas se

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

espalhou pelo mundo, e é usada muito mais por falantes não nativos para fins próprios, do que para se pretender superior, os próprios falantes nativos terão que rever suas relações com sua língua materna, que se tornou língua franca.

Cope & Kalantzis (2000) apontam a diversidade cultural, bem como as mudanças tecnológicas que acarretam mudanças no modo de construir o discurso. É papel do professor apropriar-se dos discursos globais, ou seja, do aspecto positivo da globalização onde se travam as lutas dos movimentos sociais, que contribuem para a nossa transformação como cidadãos do mundo. Há mais coisas acontecendo do que apenas o sistema abstrato da língua e por isso o ensino não pode estar distante das questões sociais que perpassam a linguagem. Quanto às novas formas de aprender e de pensar, Lankshear & Knobel (2007) tacam um paralelo entre o período moderno e a atualidade. Os autores mostram que enquanto o período moderno, industrial, caracterizado pela linha de montagem e por comportamentos mecanicistas criou o modo 1.0 de pensar, o mundo contemporâneo, da pós-modernidade, está criando novos modos de agir, a partir de uma visão pós-industrial de serviços, ligada à distribuição de informações no espaço digital, às novas formas de aprender. É nesse sentido que Kress (2003) vem afirmar a importância da apropriação de um letramento nas novas tecnologias por parte dos professores.

Barton & Hamilton (1998) mostram o letramento para além da escrita. Assim, a negociação dos significados se dá nos meios por onde circulam os indivíduos e depreendemos daí que não há verdade sobre a língua. Portanto, a norma culta é válida dentro de um determinado contexto e não em outro, podendo-se dizer mesmo que o letramento é situado sócio-históricamente. Para Maybin & Moss (1993) os textos não têm significado intrínseco, as pessoas é que dão o sentido a eles. Logo, se o texto não pode estar separado de sua história, os significados por onde circula não são os mesmos.

Não é por outro motivo que Moita Lopes (2005) propõe os hibridismos que transformam e não os que paralisam. Mas para tal, faz-se necessário o abandono do letramento autônomo que trabalha o significado isolado no sistema da língua e separa o sujeito das práticas. Se os estudos pragmáticos cumprem esse papel de olhar as pessoas e os contextos, é preciso olhar os textos nas práticas, na situação

nalidade, no trabalho, na escola, no hospital e ver quem são as pessoas. Assim temos o letramento radiofônico, midiático, musical, entre muitos outros meios semióticos e essa é a importância da virada linguística, ou da virada da pragmática que estuda a linguagem usada por seus usuários e sua importância na constituição dos sujeitos no mundo contemporâneo. Daí a importância da alteridade na construção de quem somos e é por isso que ler e decodificar cognitivamente, incorporar as questões sociais de poder na prática envolve não só o letramento escrito, mas também a oralidade, a qual é parte integrante dele. O que está para além do sistema da língua é o engajamento discursivo.

Ainda em relação ao letramento, Kress & Van Leeuwen (2001) tratam do abandono da monomodalidade e da adesão à multimodalidade, que pode ser vista em diversos domínios. Recentemente, na contemporaneidade vamos vendo uma rede multiforme de linguagem semiótica de diversos domínios sendo usada para falar sobre alguma coisa, ou seja, não há mais uma única forma de se referir a algo, mas vários tipos de signos que nos alcançam de inúmeras maneiras fazendo-nos remeter a muitos espaços de interlocução, onde os signos e conceitos são reconfigurados em nome de uma comunicação. A articulação e a interpretação têm a ver com o contexto em que o projeto e o discurso ocorrem (Kress & Van Leeuwen, 2001). Por isso a experiência do usuário da língua é de suma importância. O conceito de “transmodalidade” de Pennycook (2007) torna mais visível o entrelaçamento, a hibridez interdiscursiva nos textos. O autor se afasta um pouco da ideia de “multimodalidade” de Kress & Van Leeuwen (2001) que, a seu ver, termina por separar os modos. A “transmodalidade” talvez possa de fato traduzir melhor a noção da linguagem a partir da integração com o contexto extra-linguístico, já que a língua não pode estar separada de seu movimento, seu ritmo e música, dentro de um contexto sócio-histórico-cultural.

No que se refere à noção de Pós-Colonialismo referente à atualidade, Mignolo (2000) propõe o conceito da “epistemologia de fronteira” a partir de um novo posicionamento no mapa geopolítico, onde as culturas ditas “subalternas” têm voz própria. Max Weber entende esse avanço da racionalidade como um valor universal característico dos povos do ocidente, ou seja, sem o Ocidente a descoberta da razão não teria sido possível. Mignolo (2000), no entanto, vem na

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

contramão dessa visão, nos falar da “epistemologia da fronteira” e das culturas ditas subalternas como uma resposta para Weber, que não considerou as diferenças coloniais e a subalternização das culturas não compreendidas pelo homem branco e cristão. A fronteira torna-se um campo de batalha e a subalternidade, um novo lugar de enunciação. Surge então a necessidade de descolonizar a rigidez epistêmica e territorial e resgatar os saberes dos continentes subalternizados (Mignolo, 2000).

Já Canclini (1997) vem falar em “cruzamento de fronteiras”, que promove a mistura de culturas distintas que recriam seus valores simbólicos e apagam as demarcações anteriormente fixadas. Vemos que o binômio proposto por Mignolo (2000) “modernidade/colonialismo”, apesar de ser um convite para um novo olhar, não é contemplado pelos discursos ditos pós-estruturalistas e pós-modernos. Os movimentos de periferia são múltiplos e variados e o mundo bipolar deixa de existir quando emergem mundos em trânsito e cidadãos de passagem, cruzando fronteiras. Segundo o autor já temos exemplos diversos de “remixagens” dos valores históricos e culturais dos povos subalternizados que buscam articular-se com a pós-modernidade. Vale dizer que os conflitos econômicos e sociais não deixam de existir na pós-modernidade, apenas ganham novos contornos, pois o poder não é apenas vertical como se imaginou, há redes que se entrecruzam e permitem as mais variadas relações de dominação, a qual se torna virtual também. Os conceitos “hegemônico” e “subalterno” também podem ser relativos, especialmente para os que se mesclam, que transitam em “entre lugares”, e, nesse sentido, o conceito convencional de comunidade cai, bem como o conceito de periferia. A cultura, como simulacro, pode ser encontrada na cerca que demarca as fronteiras entre México e EUA, por exemplo. Cerca fixa, porém virtualmente móvel, talvez “o principal monumento da cultura de fronteira” (Canclini, 1997, p. 321), a cidade de Tijuana, perpassada por intercâmbios culturais constantes, onde a pluralidade de línguas se prolifera nos bairros e ruas, em diálogos que se dão em inglês, espanhol e em línguas indígenas, também se vê silenciada quando reduzida às línguas ditas oficiais nos espaços públicos de comunicação oficial e publicidade, onde predominam o inglês e o espanhol na forma padrão.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Canclini (1997) pensa a coexistência entre as novas tecnologias e a cultura pré-existente, antes do encontro transformador, promovendo reorganizações e impedindo a classificação rígida dos grupos sociais. Sabemos também que a globalização vem produzir a hipersemiotização. Ora, se a tecnologia é inevitável, se o encontro das culturas, incluindo a arte e a língua, produz a hibridez e gera novos significados e se as pessoas são colocadas em nichos e os cidadãos são consumidores, o capital termina por consumir o sagrado e o profano. Afinal, quem é mais colonizado? Quem está atuando na fronteira, ou quem está em casa conectado, consumindo inconscientemente? As culturas se hibridizam e percorrem os espaços por vias diversas através da comunicação, que se torna cada vez mais virtual. As fronteiras estão, portanto, dentro de casa e na sala de aula, por exemplo. As demarcações se misturam, se contrabandeam, formando capitais culturais distintos que se disseminam e passam a gerar novos valores simbólicos e os gêneros ditos impuros passam a coexistir com os convencionais. A literatura se mistura com os quadri-nhos, o “graffiti” marca uma escritura territorial, enquanto a cultura icônica propõe uma nova forma de ler e compreender, como os “mangás”, de origem japonesa, e o “rap”, ao misturar o inglês e o português possibilita novos usos significativos, novas leituras.

Pennycook (2007), também se afasta da bipolaridade mencionada acima e apresenta a metáfora da viagem interna e externa que se dá no encontro com o outro. Viagem essa, que se faz necessária em processos tradutórios, onde o estranhamento é fundamental. Internamente também devemos apurar o olhar e a escuta para as relações do cotidiano, na família, no trabalho, etc. A perspectiva da intersubjetividade que gera novos significados é aqui reiterada para a “trans-subjetividade” que atravessa as práticas em movimento. Apesar das generalizações e de todo essencialismo de cunho político e científico bastante presentes, já podemos perceber que a noção de língua e cultura vem sendo problematizada, a partir do conceito de transculturação ou transmutação de culturas. A ideia de uma “cultura mundana”, “*wordly culture*”, contempla o diálogo intenso com as diferenças que se dão no fluxo constante, em oposição à hegemonia, presente no conceito de “cultura global”, “*global culture*”. O autor aponta a “trans-subjetividade” a partir de uma cultura mundana em oposição à ideia de um essencialismo ou da hegemonia da cultura

global. A tradução cultural envolve todos os processos humanos e se dá de modos distintos. A língua inglesa é por si só a reapropriação desses processos em todos os países do mundo, já que não há uma representação única, pois a cópia nunca é igual. Pode-se dizer que a reinvenção dos “idiomas ingleses” por parte das mais diversas comunidades é, portanto, a tradução em imagens diferenciadas pelos povos que delas se utilizam, de forma bem própria. O aprendizado da língua inglesa possibilita que os sujeitos circulem mais agilmente pelos novos letramentos que não só os provenientes da Inglaterra ou EUA. Daí a importância do ensino desta língua no mundo contemporâneo, tamanho é o papel privilegiado que ela adquiriu (Pennycook, 2007).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASENSIO, E. La Lengua Compañera del Império. *Revista de Filología Española*, 1960.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 12ª ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BARTON, David.; HAMILTON, Mary. Understanding Literacy as Social Practice. **In:** —. *Local literacies: reading and writing in one community*. Londres: Routledge, 1998, p. 3-22.

BLACKBURN, Mollie V.; CLARK, Caroline T. Bridging the Local/Global Divide: theorizing connections between global issues and local action. **In:** —. (eds.). *Literacy research for political action and social change*. New York: Peter Lang, 2007, p. 9-28.

BRAH, A.; COOMBES, A. Introduction: the conundrum of ‘mixing’. **In:** *Hybridity and its discontents politics, science, culture*. London: Routledge, 2000, p. 1-16.

CANCLINI, Néstor. García. Culturas Híbridas, Poderes Oblíquos. **In:** —. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: USP, 1997. p. 283-350.

COPE, B.; KALANTZIS, M. Introduction: multiliteracies: the beginnings of an idea. **In:** —. (eds.) *Multiliteracies: Literacy Learning and the Design of Social Futures*. Londres: Routledge, 2000, p. 3-37.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

KRESS, Gunther. The Futures of Literacy: modes, logics and affordance. **In:** —. *Literacy in the New Media Age*. Londres: Routledge, 2003, p. 1-15.

———; VAN LEEUVEN, Theo. Introduction. **In:** —. *Multimodal Discourse: the modes and media of contemporary communication*. Londres: Arnold, 2001, p. 1-23.

LANKSHEAR, Colin; KNOBEL, Michel. Sampling “the New” in New Literacies. **In:** KNOBEL, M.; LANKSHEAR, C. (eds.) *A New Literacies Sampler*. New York: Peter Lang, 2007, p. 1-24.

LUKE, Allan. The Trouble with English. *Research in the teaching of English*, v. 39, n. 1, p. 85-95, ago. 2004.

MAYBIN, Janet; MOSS, Gena. Talk about texts: reading as a social event. *Journal of Research in Reading* 16(2), p. 138-147, 1993.

MIGNOLO, Walter. On Gnosis and the Imaginary of the Modern/Colonial World System. **In:** —. *Local histories/Global designs: coloniality, subaltern knowledges and border-thinking*. Princeton, Princeton University Press, 2000, p. 3-45.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. “Yes, nós temos bananas” ou “Parafiba não Chicago não”. Um estudo sobre a alienação e o ensino de inglês como língua estrangeira no Brasil. **In:** —. *Oficina de Linguística Aplicada: a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem em línguas*. Campinas: Mercado das Letras, 1996, p. 37-62.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. A construção do gênero e do letramento na escola: como um tipo de conhecimento gera outro. *Investigações. Linguística e Teoria Literária*, vol. 17, n. 2, p. 47-68, 2005.

PENNYCOOK, Alastair. Transgressive theories. **In:** —. *Global Englishes and transcultural flows*. London: Routledge, 2007, p. 36-57.